

JUVENTUDES E CULTURA DE PAZ: DIÁLOGOS DE ESPERANÇA*

Kelma Socorro Lopes de Matos¹

Resumo

As juventudes são exemplos de revitalização social. Há nos jovens um potencial positivo que pode contribuir muito com projetos para e pela paz. Há escolas que apostam na educação para a paz como processo permanente. Os sistemas educacionais precisam criar, continuamente, espaços e situações de afetividade, pois pensar e sentir são ações indissociáveis.

Palavras-chave: Juventudes. Cultura da Paz. Escola.

Abstract

Youths are examples of social revitalization. There is in the young a positive potential that can contribute very with projects for and for the peace. There are schools that play in the education for peace as a permanent process. The education system needs to create, continuously, places and situations of affectivity therefore think and feel shares are inseparable.

Keywords: Youths. Culture of peace. School.

... o que estamos fazendo, enchendo as pessoas de fatos e nos esquecendo de que são pessoas, seres humanos? [...] talvez a essência da educação não seja entupi-los de fatos, e sim ajudá-los a descobrir a sua singularidade, ensinar-lhes a desenvolvê-la e depois lhes mostrar como doá-la. (LEO BUSCAGLIA).

Juventudes: exemplos de revitalização social

A definição generalizada de juventude é uma forma de manipulação. Os jovens de uma mesma geração podem compartilhar ou não vivências e crenças semelhantes. Assim, devemos falar de juventudes, que convivem diversamente num mesmo tempo, com experiências múltiplas (BOURDIEU, 1983; ABRA-

MO, 1994; SPÓSITO; 1998; CARRANO, 2000; NOVAES, 2000; MATOS, 2003). Cris-talizar uma "juventude ideal" é cercear a criatividade e as formas de expressão inovadoras dos jovens.

Em geral, além de falar sobre juventudes como se vivessem experiências iguais, mesmo numa sociedade excludente e desigual, há muitos, que ainda marcam uma imagem negativa dos jovens, tendo-os como apáticos, marginais, agressivos, destrutivos, perigosos, indolentes. Uma opção que faço é perceber o potencial positivo das juventudes, vislumbrando-as como exemplos de revitalização social.

As juventudes são "construções sociais e culturais" (LEVI; SCHMIDTT, 1996). Podem representar uma força de mudança, ou, por outro lado, apresentar atitudes não compreensíveis, em resposta a uma sociedade re-

*Artigo recebido em: maio de 2007.

*Aceito em junho: de 2007.

¹Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFC).

pleta de regras, que teme o novo. Devemos, portanto, estar atentos à forma como nos relacionamos com os jovens. Procuramos estabelecer uma escuta sensível com eles? Estamos nos dedicando ao processo amoroso e educativo de “reconduzi-los delicadamente de volta a si.”? (BUSCAGLIA, 1999). Enquanto “construtores de um mundo que se renova” (MANNHEIM, 1982), as juventudes podem contribuir muito, e em especial com projetos para e pela paz (MATOS, 2006b).

Por que educar para a paz?

Há muitos estudos importantes sobre acontecimentos trágicos, enfocando o tema juventudes e violência. O que estamos fazendo com esses dados para tornar mais interessante e segura a vida dos jovens? Como, na prática, esses estudos têm nos tornado seres melhores? Qual tem sido a nossa opção a esse respeito? É imprescindível dar visibilidade à nossa escolha, em contribuir, da forma que pudermos, inclusive, através da divulgação de experiências bem sucedidas, sobre a paz, em instituições diversas (MATOS, 2006A; MATOS, NASCIMENTO, 2006; MATOS, NONATO JUNIOR, 2006).

A Escola, antes tida como um local de total segurança, traz a “novidade”, em especial na década de 1980, de ser um alvo de descarrego de mágoas e frustrações sociais (DIMENSTEIN, 1999). As violências no entorno e no interior do espaço escolar são diversificadas e vão tomando formas mais graves na década de 1990 (pequenos furtos, roubos, incivildades), ameaças de alunos contra professores, depredação dos prédios, destruição do mobiliário

A democratização da escolarização no Brasil possibilitou o ingresso de elevado número de estudantes, em especial a partir do ano de 1997, que não tinham a vivência da “disciplina escolar”. As escolas não estavam culturalmente preparadas para receber esta

parcela da população (MATOS, 1999). Embora a violência na escola tenha passado a ser muito identificada com os jovens alunos, estigmatizando-os, é interessante verificar a violência da própria instituição, através de práticas autoritárias para com os alunos e a comunidade, traduzidas, muitas vezes, pela imposição de um conjunto de valores e saberes, que desvaloriza o saber popular (MATOS, 1998). Há também, em muitas instituições escolares, um trabalho sendo realizado em que os professores incentivam a convivência pacífica. O cuidado com os alunos, a coesão do grupo e a valorização desse trabalho são pistas concretas da construção de valores positivos através de ações simples como: abrir a escola à participação comunitária, repensar o uso desse espaço, buscar a atuação com transparência, fazer da comunidade parceira.

A Educação para a Paz é um processo permanente. Somos os sujeitos que podem instaurar esse processo, assumindo-o enquanto construtores coletivos, ou seja, não é possível pensar em paz individual. Somos os responsáveis pela construção de culturas de paz que possibilitem a existência da tolerância e do multiculturalismo, estabelecendo uma agenda definida sobre que bandeiras e ações devemos empreender nesse processo (GUIMARÃES, 2005).

A paz vem sendo apresentada como sinônimo de passividade. Nessa perspectiva, o conflito é sempre algo a ser evitado. Ao tomarmos o conceito de paz positiva o conflito é algo natural, considerado também um desafio e um processo em que se busca estabelecer a cooperação, ou no mínimo o compromisso quando não é possível o acordo entre as partes envolvidas. A paz não é, portanto, a ausência de conflitos, como muitos ainda acreditam. Podemos mudar a forma de lidar com os conflitos, através da cooperação e da compreensão (CALLADO, 2004).

É preciso desnaturalizar o conceito de

paz, para compreendê-lo como “um valor que está relacionado a todas as dimensões da vida” (JAREZ, 2002, p.131). A educação para a paz é a educação para o diálogo, a compaixão, a tolerância, o acolhimento do outro (GUILMARÃES, 2005). Compreendendo tolerância como “virtude da convivência humana [...] - a qualidade de conviver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior. [...] O que a tolerância autêntica demanda de mim é que respeite o diferente”. (FREIRE, 2004, p.24).

Educar para a paz é um exercício metodológico do diálogo, do cuidar de si e do outro na construção do conhecimento em que está presente também a “razão cordial”, a reconexão com tudo e com todos (YUS, 2002). Ainda estamos construindo e respaldamos uma cultura que visa a perfeição, e não a humanidade. Vivemos em “corpos sem alma”, sem uma consciência da nossa unidade humana (RABBANI, 2006). Estamos juntos, e, ao mesmo tempo, extremamente solitários.

A tradição cartesiana não só nos mostrou a importância de separar dimensões humanas (mente-emoção, corpo-espírito), mas também de hierarquizar-las, favorecendo algumas (mente, corpo) e reprimindo outras por considerá-las primitivas (emoção), o por serem imaginárias ou racionais (espírito) (YUS, 2002).

Reconhecer e acolher a espiritualidade dos jovens, e das pessoas em geral, é ter a oportunidade de educar o sujeito integral, em suas múltiplas dimensões, alimentando seus diversos potenciais.. O espírito sempre foi compreendido na história da humanidade como aspecto da integralidade do ser. “No decorrer de poucos séculos seres humanos inteligentes, de todas as posições sociais, puderam fazer algo que teria estarrecido gerações anteriores: negar a própria existência do espírito” (WILBER, 1998, p.7). Com a modernidade, o espírito passou a ser distanciado do cotidiano, e banido de instituições e atividades educativas. Foram “separados”:

eu e mundo; mente e corpo, espírito e vida cotidiana (YUS, 2002).

Assim, precisamos criar, continuamente, espaços e situações de acolhimento e afetividade (MATOS, NASCIMENTO, 2006). Os sistemas educacionais, por sua vez, necessitam colocar foco na dimensão afetiva (TILLMAN; COLOMINA, 2004), para que possamos construir “um sistema educativo que supere a contraposição entre razão e emoção”.

Pensar e sentir, ações indissociáveis: educando sentimentos e emoções

Temos observado que o enfrentamento de conflitos nas nossas escolas, não tem sido resolvidos com punições, presença da polícia, detectores de metais. O diálogo com alunos e a comunidade apresenta-se como a forma mais efetiva de construir a paz no espaço escolar. As experiências positivas com jovens e escolas devem ser mais divulgadas. É importante apresentar à sociedade imagens positivas das juventudes. Os conteúdos curriculares também não ajudam a resolver o fervilhar das questões cotidianas escolares. Muitas vezes, esses conflitos demandam a consideração das dimensões ética e afetiva.

Nesta perspectiva, consideramos, por um lado, que os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas a se conhecerem e a compreenderem melhor suas próprias emoções e as das pessoas com quem interagem no dia a dia. Grosso modo, tratar-se-á de desenvolver uma postura analítica perante sentimentos e valores (ARANTES, 2007, p.11).

Yus (2002) salienta como perspectiva ir-mos além dos conteúdos tradicionais, e ser-mos educadores do espírito, ajudando os alu-nos a encontrarem conexões/significados em suas vidas. Assim, faz algumas indicações: a) garantir clima caloroso, acolhedor e atento que propicie a conectividade; b) estimular o entusiasmo, a inovação; c) favorecer no coti-diano a construção da “escola com alma”, que é o ambiente em que o amor predomina mais que o medo; d) reconhecer a importância do não-verbal; e) ter atenção ao ambiente esté-tico da escola e sala de aula; f) compartilhar histórias sobre a escola; g) fazer comemora-ções e rituais cotidianos; h) agir com verda-de e autenticidade.

A educação da afetividade estimula as pessoas a conhecerem suas emoções e a dos outros, com quem interagem no dia a dia. O aprendizado de estabelecer conexões con-sigo e com os demais, faz com que o educa-dor transforme-se num guia para os jovens alunos. Passa, então, a ser uma pessoa semi-nal, ou seja, funciona como semente que

alimenta o mergulho em si mesmo, o que faz com que se sinta parte do todo (BOFF, 2006).

O mesmo conflito pode receber trata-mentos diferentes, dependendo do estado emocional de quem o enfrenta. São opções que fazemos entre acolher ou expulsar o di-ferente. O trabalho com conteúdos de nature-za afetiva, podem fazer parte do aprendiza-do na escola. A afetividade, a amorosidade, a paz podem ser aprendidas e cultivadas, como se aprende os conteúdos tradicionais. Dessa forma, a educação prepara melhor os jovens para a vida cotidiana, inclusive na pró-pria escola.

É possível juntar “mente e corpo”, valori-zando o Ser por completo. “Integrar o que ama-mos com o que pensamos é trabalhar, de uma só vez, razão e sentimentos; supõe elevar es-tes últimos à categoria de objetos de conheci-mento, dando-lhes existência cognitiva, ampli-ando assim seu campo de ação” (MORENO, 1998). Que possamos, então dialogar mais sobre a esperança, apostando na potenciali-dade e integralidade das juventudes.

Referências

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta; Anpocs, 1994.

ARANTES, V. A. **Afetividade e Cognição**: Rompendo a Dicotomia na educação. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>> .Acesso em 30 maio 2007.

BOFF, L. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1983.

BUSCAGLIA, L. F. **Vivendo, amando & aprendendo**. tradução de Luzia Caminha Machado da Cotta.. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1999.

CALLADO, C. V. **Educação para a paz**: promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos. (Trad. Maria Rocio Bustios de Veiga). Santos: Projeto Cooperação, 2004.

CARRANO, P. C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Juventude, educação e sociedade**. Movimento - Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal

Fluminense. Rio de Janeiro: DP&A Editora, n. 1, p. 11-27, 2000.

DEBARBIEUX, È.. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto. **Educação e Pesquisa** - Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo: FEUSP – v.27. n.1, p. 163-193, jan./jun. 2001.

DIMENSTEIN, G. Escola concentra raiva e frustrações sociais, **Folha de S. Paulo**, 11 de maio de 1999, Cotidiano, p.5.

FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. Organização e Notas Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 2004.

GUIMARÃES, M. R. **Paz, Reflexões em torno de um conceito**. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/educar/balestreri/inquietude/marcelo_rezende.htm>. Acesso em: 12 maio 2005.

JARES, X. R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. Introdução. In: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. (Orgs). **História dos Jovens: Da antiguidade a era moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p.7-18.

MATOS, K. S. L. de. **Nas trilhas da experiência: a memória, a crise e o saber do movimento popular**. Fortaleza: UNIFOR, 1998.

_____. De quem é a rua, a casa e a escola? **Revista Educação em Debate**. Fortaleza: UFC n. 38, p. 36-46, 1999.

_____. **Juventude, Professores e Escola: possibilidades de encontros**. Ijuí: UNIJUI, 2003.

_____. Vivência de Paz: O Reiki na Escola Parque 210/211 Norte – Brasília. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Orgs). **Juventudes, Cultura de Paz e Violência na Escola**. Fortaleza: UFC, 2006a. p 15-32.

_____. Juventude, paz e espiritualidade: opção por uma prática educativa ético-amorosa In: IBIAPINA, I. M. L. de M.; CARVALHO, M. V. C. de (Orgs). **A pesquisa como mediação de práticas sócio-educativas**. IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. Teresina : EDUFPI, 2006b. p.167-178.

MATOS, K. S. L. de; NASCIMENTO; V. S. do. Construindo uma cultura de paz: o projeto paz na escola em Fortaleza. In: MATOS, K. S. L. de (Org.). **Cultura de Paz, Educação Ambiental e Movimentos Sociais: ações com sensibilidade**. Fortaleza: UFC, 2006. p.26-35.

MATOS, K. S. L. de; NONATO JUNIOR, R. Escolas, paz e espiritualidade: transversalidades na educação. In: MATOS, K. S. L. de (Org.). **Cultura de Paz, Educação Ambiental e Movimentos Sociais: ações com sensibilidade**. Fortaleza: UFC, 2006. p.17-25.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. (Org.). **Mannheim**. São Paulo: Ática, 1982. p.67-95.

MORENO, M. Sobre el pensamiento y otros sentimientos. **Cuadernos de Pedagogia**, Barcelona, 271, 1998. (p. 12-20)

NOVAES, R. R.. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política In: ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V. de; SPÓSITO, M. P.(Orgs.). **Juventude em Debate**. São Paulo: Cortez, 2000. p.46-70.

RABBANI, M. J. **Porquê educar para a paz**. Disponível em <http://www.inpaz.cjb.net/Salvador>. 01/02/2002. Acesso 30 out. 2006.

SPÓSITO, M. P. **Educação e Juventude**. Versão reformulada de texto apresentado como documento base no grupo temático Educação e Juventude no Encontro Preparatório à Reunião dos países do Mercosul, Estratégia Regional de Continuidade da V CONFINTEA, Curitiba, outubro de 1998.

TILLMAN, D.; COLOMINA, P. Q. **Programa Vivendo Valores na Educação** – Guia de capacitação do educador. São Paulo: Confluência, 2004.

YUS, R.. **Educação Integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WILBER, K. **A união da alma e dos sentidos**: integrando ciência e religião. São Paulo: Cultrix, 1998.